

**A FIXAÇÃO PELO *DOPOLAVORO* PARAESTATAL EM QUATRO PAÍSES:  
APONTAMENTOS SOBRE EXPERIÊNCIAS DO SÉCULO 20<sup>1</sup>**

**Marcio Fernandes<sup>2</sup>**

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) / Universidade de Lisboa (UL)

marciorf@globo.com

---

1 Artigo realizado com suporte (bolsa de Doutorado-Sanduiche) da Coordenação d Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O texto apresenta algumas expressões em seus idiomas de origem, para preservar o sentido original proposto por seus autores.

2 Professor adjunto do Departamento de Comunicação Social (Decs) da Universidad Estadual do Centro-Oeste (Unicentro, PR). Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com doutoramento-sanduiche no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa (UL).

## **A FIXAÇÃO PELO *DOPOLAVORO* PARAESTATAL EM QUATRO PAÍSES: APONTAMENTOS SOBRE EXPERIÊNCIAS DO SÉCULO 20**

Toda utopia é desenvolvida de forma  
a tornar-se doutrina política

*Harold Lasswell e Abraham Kaplan*

Como um mantra, regimes da primeira metade do século 20 que intentaram se transformar em religiões políticas tiveram uma fixação pela administração dos corpos e mentes de trabalhadores urbanos: era a prática do *dopolavoro*, uma palavra plasticamente bela em seu idioma de origem, o italiano, que apresentava uma diversidade de *modus operandi* e resultados. Este artigo se centra no havido em quatro países/períodos: a Itália fascista, a Alemanha nazi, Portugal salazarista e a Argentina peronista. Nos quatro casos, para além do eixo comum do *dopolavoro*, mais um ponto convergente – a forte ação de um aparato paraestatal. Também são analisados aqui aspectos relativos à visão de Poder Disciplinar, de Michel Foucault, enquanto mola mestra do *modus operandi* do *dopolavoro*.

### **Do conceito e do lugar fundante**

Dezesseis anos depois de tomar o poder na Itália, o Fascismo parecia se sentir bastante entranhado na sociedade italiana, acreditando ter conseguido discipliná-la nas esferas macro e micro. Uma controvertida Reforma dos Costumes promulgada em 1938 intentou duas extravagâncias – a implantação do passo de ganso (a perna sempre retilínea) nos desfiles militares e, o mais difícil, abolir o aperto de mão entre os italianos, substituindo-o pela saudação fascista (braço estendido em diagonal, ao alto, como os romanos de tempos muito antigos, o que Sergue Tchakhotine classificou como 'símbolo plástico de intimidação', 1967, p. 273). A entrada na II Guerra, no ano seguinte, faria cair na vala do obsoleto estas determinações. Mas o Fascismo, nos 16 anos

anteriores, havia disposto de tempo suficiente para implantar diversas inculcações, a do dopolavoro (depois do trabalho) especialmente.

A Ópera Nazionale Dopolavoro (OND) era uma fascinação e uma fixação do regime do duce Benito Mussolini, estruturada como uma entidade paragovernamental no seu primeiro decênio de funcionamento. Victoria De Grazia (2002, p. 442), em *Dizionario del Fascismo – volume I*, define o dopolavoro como neologismo criado nos primeiros anos do regime que significava algo como *após o trabalho* ou *tempo livre depois do trabalho*, obtido graças à regulamentação da jornada laboral, além de ser o nome da OND, instituída em 1925 e diretamente na jurisdição do Partido Fascista (somente em 1937 a OND se tornaria um órgão do Estado). “O Dopolavoro era constituído por uma multidão de círculos operários, associações e grêmios de recreação em nível local (das cidades) que contava, no final dos anos 1930, com 20 milhões de aderentes”, pondera a autora. Em *The culture of consent*, De Grazia (1981, p. 24) conta que, enquanto ideia, o dopolavoro é uma invenção americana, tendo sido introduzida na Itália no começo do século 20 pela filial local do grupo ianque Westinghouse. Por sua vez, é de se creditar aos primórdios da Revolução Industrial o advento das primeiras instituições de lazer no formato que as conhecemos e adotamos agora, em decorrência do incremento da sistematização das jornadas laborais.

Dentre as vantagens de estar no sistema da OND, estavam os descontos nos trens populares, as facilidades no comércio, bilhetes mais baratos nos cinemas de sala fixas e nos ambulantes e a chance de participar de concursos musicais. A Ópera promovia com regularidade festivais de canto de coral, festas folclóricas, cursos de economia doméstica, audições coletivas de Rádio sobre as realizações do Fascismo e o que De Grazia (2002, p. 445) definiu como “aquella strombazzatissima forma di teatro ambulante che fu il Carro di Tespigenerarono un seguito massiccio”.

Em última instância, sustenta a pesquisadora, a OND queria mais normalizar as massas do que mobilizá-las. A administração do tempo livre era vista como fundamental por conta do aumento das horas livres, da explosão do consumo e da cultura de massa. Continua a autora (idem, página 442): “Graças à OND, foi possível um importante anel de ligação entre o regime e a população, entre a política totalitária e o empenho cívico, entre o centro e a periferia”. Havia um OND card., propalado como uma espécie de poupança monetária. “If you lack a card, you lose daily opportunities to save money”, sentenciou em 1939 uma das publicações dopolavorianas, recorda a autora (1981, página 152).

De Grazia sustenta ainda que a OND inspirou a Ergasia grega (durante a ditadura de Ioannis Metaxas), a unidade espanhola (e franquista) para o dopolavoro e a KdF alemã que, por sua vez, subsidiou a Fnac portuguesa. Em 1935, quando a Itália invadiu a Etiópia, a OND começou a organizar aos sábados à tarde (logo após o encerramento da jornada de trabalho) o que a autora (1981, página 58) chama de “instructional activities, specially those of a pre-military and post-military character”. A instituição, quando da vitória dos Aliados, em 1945, teria seu nome mudado para Enal, Ente Nazionale Assistenza Lavoratori, a qual perduraria até 1978.

A grandiosidade da OND – e de suas ações teatrais maciças – guarda relação com a necessidade maior de Mussolini de ser visto (o mesmo vale para o regime) do que ser ouvido, ainda que tenha criado duas estruturas de abrangência nacional para o meio radiofônico, o Ente Italiano Audizione Radiofoniche (Eiar) e o Ente Radio Rurale (ERR). A monumentalidade era como algo sine qua non no Fascismo. Os diversos concursos arquitetônicos dos anos 1930 corroboram isso, como a disputa em 1934 para a nova sede do Palazzo del Littorio. Em Portugal, competições arquitetônicas de vulto também ocorreram no Estado Novo. Sobre a prática governamental de seleções para edificações, Maurício Lissovsky e Paulo Moraes de Sá (2000, p. 51), estudando o caso do novo (à época) Ministério da Educação e da Saúde Pública brasileiro, comentam que era uma forma de dar uma “feição democrática à relação entre o Estado – promotor do concurso – e aqueles que se sujeitavam a um julgamento fundado em critérios técnicos, e não políticos.

A proposição de que o Fascismo necessitava ser visto encontra reverberação ainda em outro campo midiático, o do Cinema. Na Itália, um órgão para esta área havia sido criado ainda na década de 1920, poucos anos depois da Revolução Bolchevique russa de 1917 ter feito o mesmo (em 1919): era o Istituto Nazionale L'Unione Cinematografica Educativa (Luce), um dos orgulhos de Mussolini. Não por acaso é que, em 1937, quando da inauguração de alguns estúdios do Luce, havia um enorme letreiro no topo do prédio, com os dizeres: *Cinematografia é l'arma piu forte*, como se vê em um livro de 1996 (p. 138), organizado por Ades, Benton, Elliott e White. Acima da frase, uma também gigantesca imagem de Mussolini, operando uma filmadora, o que dimensionava com precisão o controle estatal do comando da Nação sobre esta ferramenta. E, portanto, não é simples coincidência que diversos filmes sobre o dopolavoro tenham sido rodados naqueles tempos, explicitando a questão doutrinária da administração do tempo livre dos operários urbanos: *Il signor Max*, de 1937 (dirigido

por Mario Camerini), louva as virtudes de um centro de dopolavoro fascista, por exemplo.

### **Da Força pela Alegria**

Peter Reichel, em *La fascination du Nazisme* (1993, p. 369), aponta que a Kraft durch Freude (KdF), o organismo nazi para a promoção do turismo, prometia nos anos 1930 (quando os navios alemães cruzavam o Atlântico com milhares de passageiros) “un nouveau style de vie s'annonçait”, algo como a anunciação de um novo estilo de vida para o povo alemão, que incluía os longos passeios marítimos. De fato, naqueles tempos a KdF abriu uma porta para o turismo de massa, como bem pontua Reichel, mas somente para aqueles que, sagradamente, celebravam sempre e publicamente o Nazismo. Neste cenário, uma fala de Gallego (2006, p. 212) é exemplar, sobre a filosofia nazi:

Lo que perfila, lo que lo lleva de la mano a su lugar en la Historia, no es su capacidad teatral sino un deseo de existencia total en tiempos de Totalitarismo, una vocación de ser voz de la comunidad en la época que el individuo sólo tiene sentio como parte del Volk (povo).

A Kraft durch Freude (KdF) não brincava em serviço. Queria ser a voz de uma massa gigantesca de alemães do pré-II Guerra. Sobre a KdF, é de ressaltar seu caráter biopolítico por completo. Kraft durch Freude significa *Força pela Alegria*. Diferentemente da OND italiana, a KdF não era baseada em sindicatos. Seu vínculo era direto com as empresas alemães e, a partir desta ligação, gerenciava a vida de sete milhões de desportistas por volta de 1935. Valente (1999, p. 23) conta que todos os trabalhadores alemães recebiam desconto de 1% em seus salários, em favor da entidade-mãe da KdF, a Deutsche Arbeits Front (DAF, Frente Alemã para o Trabalho). Em 1938, seria a DAF quem lançaria o primeiro volkswagen (carro para o povo), chamado KdF Wagen.

Talvez o segmento mais visível da KdF tenha sido sua frota de gigantescos navios de passageiros (figura 01), cujos pacotes prometiam paraísos por alguns dias, em

especial as duas semanas de descanso nas Ilhas Canárias espanholas. Todos os navios tinham classe única. Valente informa que cerca de 700 mil alemães viajaram pelos mares com a KdF nos anos 1930, cujos passeios custavam cerca de 50% abaixo do mercado – há quem defenda que a KdF tenha sido a maior companhia de navios do planeta na primeira metade do século 20 e há ainda pesquisadores que falam em 7 milhões de passageiros na década. Há uma vertente menos notória da política de viagens nazi – os voos intercontinentais, como sugere um cartaz do acervo do Deutsches Museum, em MÜNCHEN (Alemanha, figura 02). Assim como passeios dentro da Alemanha (sobretudo para o Sul, na Bavária, onde ficava a base do Partido Nazista), além de Suíça e Itália.

Muitos destes cruzeiros faziam escala na Lisboa salazarista (do ditador António de Oliveira Salazar). Em uma fala um tanto messiânica, durante uma destas paradas em Portugal, em 1938, Robert Ley, diretor da DAF, disse o seguinte (Valente, p. 24):

Tudo o que fazemos, este navio, (toda a obra) KdF, tudo serve apenas o objectivo de fortalecer o nosso povo para podermos solucionar esta urgentíssima questão de não termos solo suficiente (...) Não vos conduzimos mundo afora pelo bel prazer, não fundei aqui nenhuma agência de viagens (...) club de animação ou qualquer coisa do género (...) ou apenas para ver a Itália ou Portugal, isso é ridículo e também me é absolutamente indiferente, não, faço-o para que vocês tenham (...) forças, para que o Führer, quando um dia quiser solucionar esta questão, possa contar com 80 milhões (de alemães) no máximo de suas forças.

Era, portanto, o projeto totalitarista a caminho. Para Ley, a propalada inexistência de greves ou conflitos econômicos na Alemanha nazi se devia em grande parte à KdF, como uma das grandes entidades orquestradoras do regime Nazi. “Talvez 90% das pessoas que vêm nesta excursão era inimigas de Hitler antes da sua chegada ao poder. Hoje, como bons alemães que são, estão todos compenetrados do patriótico objectivo do Führer”, reiterou Ley, conforme Valente (idem, p. 40). À época, uma das palavras preferidas do regime alemão era *Gleichschaltung*, algo como coordenação ou integrado ao circuito. Toby Clark (1997, p. 61), foi direto na sua interpretação da expressão:

Gleichschaltung was the euphemism which Nazis used to describe the enforcement of political conformity. In the press and publishing industries, the education system, and in all art institutions, politically suspect or 'racially impure' people were sacked.

Biopoliticamente falando, Clark foi preciso. Assim como Robert Ley. Meredith Carew (2002, p. 384-385), em um verbete para o livro *World Fascism... - volume 2*, aponta que, certa vez, Ley declarou que, nos anos 1930, um trabalhador alemão tinha 3,7 mil horas livres por ano, volume que poderia torná-lo “entediado, desleal e aberto a ideias degenerativas”, o que tornava a KdF essencial na vida social alemã. Outra das formas de combater estas possibilidades era através da companhia cultural que percorria o território nacional, em um show que misturava ópera, comédia e cabaret. Em 1937, diz Carew, 30 milhões de alemães teriam visto seus espetáculos. Para os mais novos, arremata a autora, a KdF e a Juventude Hitleriana organizavam viagens curtas, feriados de lazer, distribuía revistas e promoviam excursões culturais.

O advento da II Guerra fez interromper um projeto da KdF ainda mais grandioso: a construção de um gigantesco resort na ilha de Rügen (mar Báltico), previsto para ser capaz de acomodar 20 mil pessoas diariamente. A intenção da KdF era ofertar estadias de 10 dias, em quartos pequenos (2,5 metros por 5 metros). Ao final da empreitada, os dois blocos previstos (seis andares cada) teriam 4,5 km de extensão, com intervalos a cada 500 metros para áreas comunitárias. Não tivesse sido abandonado por definitivo em 1941 (meses depois as tropas russas chegariam ao lugar), é altamente provável que tivesse sido um dos mais eficientes mecanismos de biopoder nazi.

Por volta de 1941, aliás, quem estava deixando minguar alguns espaços de veraneio eram os fascistas, também por conta da II Guerra. As outras gloriosas colônias Sandro Mussolini di Cesenatico, Constanzo Ciano e Montecatini di Cervia – Milano Marittima estavam perdendo o glamour dos tempos em que integravam o bloco de empreendimentos de lazer de massa divididos em montane (de montanha, para esqui), marine (mar) e estive (balneários com atrações diversas), como bem lembra Patrizia Dogliani (2002, p. 313-316), no dicionário *World Fascism... volume 1*. A autora sustenta que, no ano de 1935, cerca de 568 mil crianças passaram por estes espaços de férias, quantia que chegaria a 800 mil quatro anos após.

No volume II da mesma obra, Richard Bosworth (2002, p. 747) reproduziu uma fala de 1937 de um alto funcionário fascista, Fernando Mezzasoma: “Il Turismo è

considerato dal Fascismo un potente strumento di propaganda, un efficace mezzo di avvicinamento dei popoli”.

Pensamentos assim eram como música não só para ele mas para gente como Robert Ley.

### **Do aparato português**

A Federação Nacional para a Alegria no Trabalho (Fnat, atual Inatel) portuguesa nunca teve a dimensão quantitativa da OND nem o aparato disciplinador totalitário da KdF. Mas desde seu surgimento, em 1935, por graça de António de Oliveira Salazar (que mandou em Portugal até o final dos anos 1960), sempre registrou uma forte atuação dentro de seu propósito de dopolavoro à lusitana. Valente (1999, p. 10) sustenta que a Fnat foi a mais estável das organizações criadas pelo Estado Novo de Salazar, comparativamente com o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), Acção Nacional Popular (ex-União Nacional), Legião Portuguesa (uma milícia paramilitar), Mocidade Portuguesa (aparelho voltado para infância e juventude) e Serviços de Exame Prévio (Censura), dentre outros.

Uma avaliação geral dos diversos livros depositados em arquivos públicos de Portugal permite entender a dimensão dos braços da Fnat: podia organizar um campeonato nacional de pesca esportiva. Ou do jogo de damas clássicas. Ou de basquetebol. Ou normatizar o uso dos albergues e centros de hospedagem comunitária mantidos pelo Estado. E também estimular os torneios de jogos florais pelo país, em que poetas disputavam os melhores lugares com suas obras, bem como referendar apresentações de grupos folclóricos regionais para trabalhadores urbanos em diversas partes do território português.

Em texto para o livro *Estados autoritários e totalitários e suas representações: propaganda, ideologia, historiografia e memória* (2008), Fernando Rosas (p. 38-39) apontou que a Fnat era parte de um complexo sistema de inculcação doutrinária do Estado Novo que envolvia o Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, os grêmios, os sindicatos nacionais, as Casas do Povo e as Casas dos Pescadores, unidades/organismos com os quais a Fnat mantinha relações frequentes. Era, no dizer de Rosas (idem), um sistema monolítico “assente no Estado e desdobrando-se diversamente sobre o cotidiano das pessoas, na família, nas escolas, no trabalho ou nas

'horas livres'".

Assim como a OND e a KdF, a Fnat sobrevivia basicamente dos fundos financeiros do Estado. Distintamente das duas primeiras, entretanto, a Fnat era um organismo estatal desde seus primórdios, ainda que se relacionasse com vigor com outras estruturas paraestatais (como os gigantescos campings promovidos pela MP). Mais voltada para o trabalhador das cidades, a Fnat guardava semelhança neste quesito com a OND, distanciando-se da KdF, cujas atenções eram bastante direcionadas para a família como um todo, modelo que o Peronismo argentino vai seguir.

Públicos-alvo à parte, o mote disciplinador era deveras similar. Discorrendo sobre as representações de Portugal enquanto destino turístico, Maria José Aurindo (2006, p. 110) pontuou:

(A Fnat) visa promover e ocupar-se do turismo social e fomentar algumas práticas campistas e excursionistas. O domínio do turismo social vai ser uma das apostas da intervenção do regime, com vista a 'entreter as massas', compensar as condições de vida e salário que vigoravam, bem como criar condições que propiciem a 'calma social'. Surgiriam também nesta altura alguns esforços no sentido da resolução de algumas das dificuldades que se colocavam ao 'turismo popular: redução de tarifas dos caminhos-de-ferro para viagens de férias, bilhetes em fim de semana, criação de colónias de férias e de parques de campismo'.

A autora estava se referindo ao Salazarismo, embora a estratégia fosse perfeitamente aplicada ao Peronismo.

### **Da experiência sul-americana**

Albert Spektorowski (2002), em um verbete sobre o Peronismo (*World Fascism: a historical encyclopedia – volume 2*), o definiu com precisão: “Peronism, the most baffling and least understood of all Latin America populist movements, owes its fame to the leader Juan Domingo Perón and his legendary wife, Evita”. Até onde é possível perceber, não houve, no mundo ocidental moderno (e mesmo contemporâneo), um projeto similar ao Peronismo e sua proposição, a partir da normalização (seguindo-se aqui o conceito defendido por Michel Foucault) de uma sociedade, de 'construir' uma

nação feliz, fazendo-a representar especialmente por meio de cartazes.

Em um longo e brilhante ensaio, publicado na segunda metade dos anos 2000, José Pablo Feinmann sustentou que é algo “diferente, esquivo, no único, pero sin duda específico”, suprimindo-o de comparações com o Varguismo, o Fascismo e o PRI mexicano, partido que mandou no país por 60 anos no século 20. Flavia Freidenberg (2007, p. 55) classificou-o como um dos exemplos do 'Populismo Clásico' latino, um tanto derivado do 'Populismo Temprano' de Hipólito Yrigoyen (presidente argentino nas décadas de 1910 e 1930).

Enquanto regime governamental, o Peronismo esteve no poder entre 1946-1955 e 1973-1974, sempre tendo o general Juan Domingo Perón como líder. Este artigo apresenta nuances da estratégia de dopolavoro justicialista (outro nome usado para este momento da história argentina) ao longo do chamado Primeiro Peronismo, justamente o extrato de 1946-1955. É na ação da Fundación Eva Perón (um ente paraestatal) que se concentra a maior parcela do bloco de ações de dopolavoro, sobretudo no que o regime chamou de Turismo Social.

É neste segmento do veraneio que os sintomas da felicidade crônica (talvez o grande gancho do imenso discurso peronista) começam a ganhar consistência de representações da mídia da época. A apresentar uma visibilidade maior. O regime criou várias colônias de férias. 'Inventou' Bariloche como centro de lazer no inverno. Expropriou um resort de luxo e transformou-o em um misto de hospital e hotel, Termas de los Reyes, na Cordilheira dos Andes, no norte da Nação, quase na fronteira com a Bolívia. Mudou nomes de lugares de veraneio. Estatizou terras e colocou lado a lado a burguesia y los obreros. Nunca havia se visto nada igual na Argentina e, é provável, na América do Sul. E assim apresentou seu turismo social:

O mar, a serra, o campo, o Sol e o ar mais puro estão ao alcance de todos, sem exclusões irritantes, em um exercício prático de verdadeira democracia, que pressupõe igualdade de deveres, mas também igualdade de direitos.

É isto que está descrito à página 171 do livro *La Nación...*, de 1950. Antes de Perón, diz uma das legendas da página, os endinheirados podiam desfrutar dos bens naturais durante as férias que eles mesmo se concediam quando bem entendiam. Sob o

manto justicialista, atesta a legenda seguinte, havia uma lei que estipulava para todos um período de férias remuneradas.

Do ponto de vista do vocabulário estético, há dois itens que devem ser considerados: diferentemente de outros segmentos da propaganda peronista, no campo do Turismo os cartazes chegaram a utilizar fotografias para compor parte do cenário das peças e, em geral, as ilustrações recorriam a personagens caricaturais – e não à representação de uma típica família argentina, por exemplo.

Um cartaz de 1955 que divulgava a capital federal, recorda-se, vinha com o mote “Buenos Aires, puerta de Turismo”. O eixo central do cartaz é um calhambeque colorido, com um casal a bordo. Logo abaixo, está o desenho de uma janela aberta e, dentro desta abertura, um detalhe fotográfico da capital. A obra é assinada por Ernesto Pellisier.

Outras peças criadas por distintos desenhistas recorrem ao mesmo expediente. Era a tática da orquestração, uma das categorias de cartazes propostas por Abraham Moles (1970). É o caso de um cartaz que difundia a zona de Embalse, perto de Córdoba (uma das maiores cidades do país vizinho ao Brasil) – imagem **03**, do desenhista Valmonti. Outras ilustrações, feitas respectivamente por Valmonti (**04**) e Glorio (**05**) seguem o esquema clássico da SI – apenas traços à mão. Mas é na peça **06** que mais aflora o imperativo da felicidade.

A obra retrata uma família argentina (bem vestida) totalmente sorridente. Ao fundo, representações do mar, de um hotel termal e das montanhas geladas. Este cenário é arrematado pelo slogan 'turismo para el pueblo'. Considera-se que esta peça é mais impactante que as anteriores (as que contêm caricaturas) pela representação que carrega da típica família feliz que o Peronismo tanto gostava de propalar.

O mote do turismo para *el pueblo* se faz presente também em *La Nación*.... Em seis páginas, são apresentadas as possibilidades de veraneio ofertadas pelo sistema. O tema 'turismo' começa na página 455, com um cartaz que remete à paisagem árida do Norte argentino (com os cactos), aos bosques do Sul, às cataratas de Iguazu (na fronteira com o Brasil) e assim por diante. Foz, aliás, era um ponto sendo descoberto aos poucos na época pelo turismo argentino, fomentado pelo Estado (figura **07**). A página se encerra com um texto que inicia e finaliza com o que segue:

*(Inicio)* A Pátria tem agora suas portas abertas para argentinos e estrangeiros a conheçam. *(Final)* Um trabalhador ou empregado

(qualquer) tem hoje a possibilidade de viajar, de recorrer, de visitar, de conhecer e de viver em qualquer centro de turismo do país. Este é o turismo social.

Mas o que impressiona mesmo no que diz respeito ao turismo social em *La Nación*... está disposto entre as páginas 456 e 460, em que o Peronismo apresenta um balanço do que, naquele momento (por volta de 1950), estava em funcionamento e o que vinha sendo erigido. O monumentalismo se faz deveras presente, conforme o que está descrito nas páginas:

456: quatro parques nacionais criados e outros sete em construção;

457: 33 hotéis familiares mantidos pelo Estado em 1949, capazes de abrigar 2,5 mil hóspedes. A página informa ainda que, seis anos antes, existiam apenas três estabelecimentos do gênero pela Argentina, para 428 hóspedes. Ao cabo do plano de construção de tais casas de veraneio, em 1955, o volume deveria ser de 91 hotéis para 6,5 mil pessoas;

458: outros 21 hotéis em construção em 1949 destinados apenas a trabalhadores ou crianças. Um destes era em Bariloche, outros quatro em Embalse;

459: quando saiu o livro *La Nación*..., o Peronismo estava construindo um balneário nas cercanias de Buenos Aires em uma área de 31 hectares, que deveria ser capaz de abrigar 50 mil pessoas. Outro espaço, denominado Balneário Escolar, comportaria 30 mil crianças. A piscina, diz a obra, teria inacreditáveis 840 metros de comprimento;

460: o livro também menciona outra área de lazer em funcionamento na época – um balneário às margens do rio Matanza, nas proximidades do Aeroporto Internacional de Ezeiza (mandado construir e inaugurado por Perón e que até hoje é o maior daquele país). O texto informa o seguinte:

As piscinas são três: duas delas com 400 m x 100 metros cada uma e a terceira de 200 m x 200 m. A profundidade das mesmas varia entre

0,60 e 1,60 m e estão rodeadas de lava-pés. A capacidade total do balneário é de 60 mil pessoas.

Cada piscina, frise-se, podia acomodar 1,5 mil pessoas simultaneamente.

De todos os lugares turísticos peronistas, possivelmente nenhum se assemelhava a Chapadmalal. Até então um vilarejo costeiro, antigo, elitizado e distante cerca de 70 km de Buenos Aires, Chapadmalal recebeu a mão transformadora do Peronismo de pronto a partir da segunda metade dos anos 1940 – chalés, hotéis, confeitarias e outros estabelecimentos do lugar são estatizados ou adquiridos por órgãos de apoio ao sistema, como sindicatos. Dezenoves hospedarias (uma delas exclusivamente infantil) públicas passam a funcionar. Cinemas abrem. Assistência médica gratuita é ofertada. Em 1951, o lugar é subsede dos Jogos Pan-Americanos. Famílias adeptas do Peronismo de todos os cantos do país passam a ter direito de veraneiar uma vez ao ano na região, como parte do Plan de Turismo Infantil lançado em fevereiro de 1950 e dentro do missal peronista que preconizava 'conhecer o país é um dever', uma campanha possivelmente devota da rooseveltiana *See America* (figura 08) – na Rússia soviética, campanhas desta natureza igualmente ocorreram, assim como uma variante destinada a turistas estrangeiros; uma peça de Mikhail Litvak, de 1935, convida a audiência do exterior a conhecer o país viajando pelo expresso transiberiano (09), cuja linha atingia a China.

Em 1954, durante a edição inaugural do Festival de Cinema de Mar de Plata (a 20 km de Chapadmalal), recorda Carlos Rodriguez (2008), em texto para o jornal Página 12, Perón disse o seguinte o veraneio para-estatal:

Há 10 anos visitei esta cidade e, à época, este era um lugar de privilégio, onde ricos de todo o país vinham a descansar os ócios de toda a vida e de todo o ano. (Agora) Bastaria dizer que 90% dos que vêm veraneiar nesta maravilha de cidade são trabalhadores ou empregados espalhados por toda a Pátria.

Os tais 90%, continua Rodriguez, baseado em informações de Pastoriza, eram pura retórica, ainda que, informa ele, entre 1953 e 1954, cerca de 24 mil trabalhadores tenham passado pelo *Complejo Turístico de Chapadmalal*. 'Nenhum deles pagou nenhum centavo nem pela estadia nem pela viagem ou pela alimentação', assegura o

autor.

Mas Chapadmalal era, enfim, uma das pedras brilhantes do Primeiro Peronismo. Uma vez ao ano, era possível permanecer com a família até três semanas no lugar conforme estabelecia o livreto *Reglamento del Turista* (foto 10), desde que se apresentasse, entre outros documentos, certidões médicas de boa saúde e de vacinação contra a varíola. Na maioria dos casos (ou seja, outros lugares de descanso), pensava o primeiro-casal, era justo que o turista pagasse a viagem e o Estado, a hospedagem. Era uma política de governo como nunca antes na história argentina, como assegura a mesma Elisa Pastoriza, autora de um interessante livro publicado em 2011 sob o nome *La conquista de las vacaciones – breve história del turismo en la Argentina*. Esta mesma opção política, informa a página 275 de *La Nación...*, fez com que 300 mil alunos viajassem pelo país de ônibus durante o ano de 1948, sempre às expensas governamentais.

Prossegue a autora (idem, p. 217):

(Nos locais de veraneio) As crianças iam e vinham neste mundo feliz das férias. (...) Se organizavam jogos, havia espaço para a contação de histórias, além de coros, rondas, teatros, títeres e desenhos animados que procuravam distrair os pequenos. Os passeios ao ar livre, os banhos no mar ou nos arroios eram alternados com aulas de exercícios físicos e de geografia e história que almejavam fixar os primeiros conhecimentos acerca da Pátria.

### **Da domesticação dos corpos**

A domesticação dos corpos pela via turística, enfim, algo que, pouco antes, o Salazarismo havia experimentado. Fernando Rosas e Brandão de Brito, em *Dicionário do Estado novo – volume II* (1996, p. 376-377), relatam a inauguração de uma colônia de férias estatal em 1938 na praia de Caparica, com o sugestivo nome 'Um lugar ao Sol', destinada a operários e seus familiares. Dois anos a seguir, seriam abertos dois espaços para veraneio infantil, Foz do Arelho e Praia da Aguda. No caso dos adultos, escrevem os autores, o objetivo era “é colocar também sob a tutela do Estado Novo e da sua ideologia o perigoso espaço dos tempos livres e dos lazeres, assegurando o seu preenchimento com actividades lúdicas e culturais consentâneas com a inculcação dos

valores ideológicos fundamentais do regime”.

O florescimento de uma cultura de turismo (a partir do ato de viajar a lazer) é uma das novidades que a Modernidade do século 20 trouxe. Ema Cláudia Pires (2003, p. 04) destaca que a conquista gradual em muitos lugares do regime de férias pagas e a significativa melhoria das vias de transporte e de seus meios (notadamente as rodovias e os automóveis) é um fato preponderante para tal desenvolvimento. “Deste modo”, diz a pesquisadora, “a actividade turística democratiza-se gradualmente e, a partir da Segunda Guerra Mundial, massifica-se”. Muitos regimes popularescos souberam apostar neste viés, ainda que a um alto custo para o aparelho estatal – na Argentina, viu-se, o Estado custeava semanas de lazer das famílias, enquanto que, em Portugal, o Salazarismo concedia enormes descontos para quem desejava, por exemplo, viajar na malha ferroviária, além de subsídios indiretos para alimentação e hospedagem. Custoso ou não, assistencialista ou não, o Turismo Social floresceu nas mãos peronistas na onda que, como bem aponta Alain Corbin (2001, p. 07), apud Pires, tornou o tempo disponível para o consumo como um *lazer-mercadoria*, a partir do pós-II Guerra.

Em *As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas*, Foucault (1981, p. 07) define as heterotopias como utopias que desabrocham em espaços maravilhosos e lisos, como as vastas avenidas das novas cidades e os jardins bem plantados e cuidados, em uma condição de justaposição. Chapadmalal expropriada, no litoral argentino, era uma destas utopias foucaultianas. Uma alegoria de 2004 (figura 11), pintada por Daniel Santoro, não deixa margem para dúvidas. Tampouco a permite uma historieta presente no livro *Alegria* (de ensino fundamental), dos anos 1950:

Cuanta gente en la playa! Parecen hormiguitas. Eladio pregunta:

- Papá, como puede venir tanta gente? Nadie trabaja?

El padre le contesta:

- Sí, todos trabajamos. Pero ahora, desde que gobierna el general Perón, todos los obreros y empleados tienen derecho a sus vacaciones. Estos hoteles que ves son para que el obrero gaste menos. Aquí descansa. Luego volverá a su trabajo para producir más.

- Y quién atiende por estos hoteles, papá?

- La Fundación Eva Perón.

Outra utopia guardava relação com o turismo transoceânico dos navios pertencentes ao armador Alberto Doderó (o mesmo que patrocinara boa parte dos custos da viagem faustosa de Eva à Europa, em 1947, por quase três meses). Doderó chegou a ser um dos mais proeminentes empresários aliados a Perón e detinha concessões de

navegação para a Bacia do Rio da Prata e para a Europa, tanto para linhas de passageiros como para transporte de cereais. As grandes embarcações da sua frota levavam, claro, motivos peronistas: o maior orgulho era o SS Presidente Perón (imagem 12), para apenas 74 passageiros, todos em primeira classe, e que fazia o trajeto Buenos Aires-Londres-Buenos Aires. Havia ainda o SS Evita e o 17 de Octubre. Um anúncio da época (figura 13) indica a vida dulce far niente de um punhado de peronistas debaixo dos delicados guarda-sóis.

### **Dos apontamentos nada finais**

Oscilando entre o oficialismo do Estado e o segmento paraestatal, as políticas de dopolavoro desempenharam um papel fundamental nos projetos de propaganda política da primeira metade do século 20. Das quatro aqui nominadas, certamente a OND foi a maior, em termos quantitativos. Admite-se que a ação peronista tenha sido a mais abrangente em termos de variedades de modos de atuação (este paper centrou-se na questão do turismo social) e de publicização – ademais, foi aquela que mais escancaradamente se serviu do Estado para levar adiante suas proposições, já que a Fundación Eva Perón não era um organismo oficial do Poder Público da República Argentina, embora estivesse profundamente nele entranhado.

Divididos entre voltar-se o trabalhador urbano (OND e Fnaf) ou a família como um todo (KdF e Peronismo), os sistemas perceberam que, para além da dominação durante o trabalho em si (produzir mais para o presente e o futuro da Nação) havia um campo vasto para o dopolavoro, a partir da questão da disciplina.

Disse Foucault em *Segurança, território, população* (2008, p. 74):

A disciplina, é claro, analisa, decompõe, decompõe os indivíduos, os lugares, os tempos, os gestos, os atos, as operações. Ela os decompõe em elementos que são suficientes para percebê-los, de um lado, e modificá-los, de outro.

O pensador francês continua (página 75), atestando que a “disciplina classifica os elementos assim identificados em função de objetivos determinados”. No caso argentino, o objetivo-mor era domesticar o gentio para eternizar o Peronismo, por

exemplo. Vale ressaltar que a política de docilização e implantação da disciplina encontravam nos corpos um instrumento bastante apropriado para tanto, na medida em que era possível estabelecer com eles uma espécie de *contrato social*. Ieda Tucheran (2004, p. 19), no livro *Breve história do corpo e de seus monstros*, escreve que:

O corpo pertence ao conjunto de categorias mais persistentes na cultura ocidental. Fundamentalmente porque ele suporta, pela sua aparente evidência, todas as grandes questões que nos configuraram e permitiram que nós nos inventássemos, nos esquecêssemos e nos tornássemos a inventar na categoria mais radical que parecia definir nossa humanidade.

O pensamento de Tucheran corrobora a visão foucaultiana descrita em *História da Sexualidade I – A vontade de saber*. Ali (1984, p. 127), o escritor francês sustenta que, a partir da época clássica, o mundo ocidental passou a ver o domínio do corpo como uma das peças fundamentais do exercício do poder. O confisco do corpo, como indica Foucault, tinha as “funções de incitação, de reforço, de controle, de vigilância, de majoração e de administração das forças que lhe são submetidas”. E isto estava no cerne dos regimes populistas que assombraram a Europa e tiveram ventos americanos, entre 1919 (quando o Fascismo adquire cores mais nítidas) e os anos 1960 (últimos momentos importantes do Salazarismo e do Franquismo espanhol, este não analisado neste paper). Nos campeonatos infantis Evita Perón dos anos 1950, o regime aproveitava estes instantes de grandes concentrações de crianças, colocando suas equipes sanitárias para inspecioná-las, radiografá-las e coletar informações sobre o comportamento escolar. Está escrito em *Microfísica...* (1980, página 147):

São instrumentos efetivos de formação e de acumulação do saber, métodos de observação, técnicas de registro, procedimentos de indagação e de pesquisa, aparatos de verificação. Isto quer dizer que o Poder, quando se exerce através destes mecanismos sutis, não pode fazê-lo sem formar, sem organizar e por em circulação um saber, ou melhor, alguns aparatos ideológicos que não são construções ideológicas.

E é no invisível de imagens como a **14** que se podia ver os tais aparatos, para

bem além dos sorridentes alunos que cercam (devidamente enfileirados) e apupam a *benefactora del Deporte*, na capa de uma edição da revista Mundo Peronista. O Esporte, entretanto, é assunto para outra investigação.

O que aqui se intentou, enfim, foi demonstrar determinados meandros de uma prática que se revelou eficiente na primeira metade do século 20, como um dos adventos da Modernidade mesclada ao senso político de uma época, estabelecendo-se uma faceta importante de uma doutrina política (a administração do tempo pós-trabalho) a partir do que parecia uma utopia, como bem delinearam Harold Laswell e Abraham Kaplan (1979), no livro *Poder e sociedade*. Parcelas significativas das digressões aqui apresentadas guardaram relação com o fomento do turismo do *volk*. Na Itália fascista, pertencer à OND significava, dentre outras vantagens, ter acesso a bilhetes supereconômicos de trem para conhecer o país.

Para os operários ou famílias da metade inaugural do século 20, não havia tempo perdido. Mesmo nos momentos destinados ao descanso/lazer, o regime político-disciplinador se fazia presente. Admiráveis, portanto, são as palavras sobre isso de António Ferro, o onipresente chefe do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) salazarista entre 1933 e 1949 e um ardoroso defensor do turismo social: “O turista é um ingénuo aventureiro, um ingénuo descobridor do que já foi feito para ele descobrir”.

### **Referências bibliográficas**

ADES, Dawn; BENTON, Tim; ELLIOTT, David; WHYTE, Iain Boyd. 1996. *Art and Power: Europe under the dictators 1930-45*. London: Thames & Hudson.

AURINDO, Maria José. 2006. *Portugal em cartaz: representações do destino turístico, 1911-1986*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.

BLAMIRE, Cyprian; JACKSON, Paul (orgs). 2002. *World Fascism: a historical encyclopedia – volume 1, A - J*. Santa Barbara: ABC Clio.

\_\_\_\_\_. 2002. *World Fascism: a historical encyclopedia – volume 2, L – Z*. Santa Barbara: ABC Clio.

CLARK, Toby. 1997. *Art and Propaganda*. London: Calmann & King.

DE GRAZIA, Victoria; LUZZATTO, Sergio (orgs). 2002. *Dizionario del Fascismo* – volume I. Torino: Giulio Einaudi.

\_\_\_\_\_. 2002. *Dizionario del Fascismo* – volume II. Torino: Giulio Einaudi.

\_\_\_\_\_. *The culture of consent: mass organization of leisure in Fascist Italy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981

FEINMANN, José Pablo. 2008. *Peronismo, filosofía política de una obstinación argentina*. Página 12, Buenos Aires.

FOUCAULT, Michel. 1981. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. 1980. *Microfísica del Poder*. Madrid: La Piqueta.

\_\_\_\_\_. 2008. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes.

FREIDENBERG, Flavia. 2007. *La tentación populista: una vía al poder en la América Latina*. Madrid: Síntesis.

GALLEGO, Ferran. 2006. *Todos los hombres del Führer – La elite del Nacionalsocialismo (1919-1945)*. Barcelona: Debate.

JANEIRO, Helena; SILVA, Isabel Alarcão e (orgs).1988. *Cartazes de propaganda política do Estado Novo (1933-1949)*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

LASWELL, Harold; KAPLAN, Abraham. 1979. *Poder e sociedade*. Brasília: Editora UnB.

LISOVKSY, Maurício; SA, Paulo Sérgio Moraes de. 1998. *O novo em construção: o edifício-sede do Ministério da Educação e Saúde e a disputa do espaço arquitetável*

nos anos 1930. In: GOMES, Angela de Castro (org). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Editora FGV. Páginas 49-71.

MOLES, Abraham. 1970. *L'affiche dans la société urbaine*. Paris: Dunod.

PASTORIZA, Elisa. 2011. *La conquista de las vacaciones: breve historia del turismo en la Argentina*. Buenos Aires: Edhasa.

PIRES, Ema Cláudia. 2003. *O baile do Turismo: Turismo e Propaganda no Estado Novo*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

PRESIDENCIA DE LA REPUBLICA ARGENTINA. 1950. *La Nación Argentina, justa, libre y soberana*. Buenos Aires.

RODRIGUEZ, Carlos. 2008. *Mar del Plata, un reflejo de la historia del país*. Página 12, Buenos Aires, 06 jun.

REICHEL, Peter. 1993. *La fascination du Nazisme*. Paris: Odiles Jacob.

ROSAS, Fernando; BRITO, Brandão de (orgs). 1996. *Dicionário de História do Estado Novo – volume II*. Lisboa: Bertrand.

TCHAKHOTINE, Serge. 1967. *A mistificação das massas pela propaganda política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

TORGAL, Luís Reis; PAULO, Heloísa (orgs). 2008. *Estados autoritários e totalitários e suas representações: propaganda, ideologia, historiografia e memória*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

TUCHERMAN, Ieda. 2004. *Breve história do corpo e de seus monstros*. Lisboa: Vegas.

VALENTE, José Carlos. 1999. *Estado Novo e alegria no trabalho – uma história política da Fnac (1935-1958)*. Lisboa: Colibri/Inatel.

## Lista de figuras



Figura 01



Figura 02

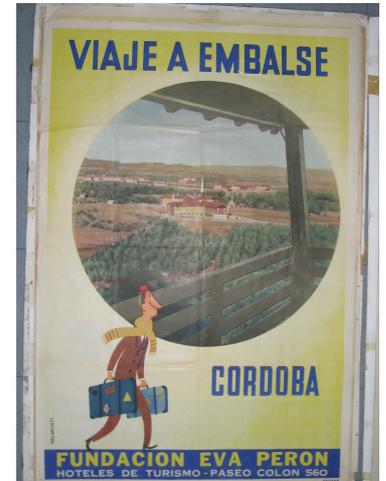


Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07

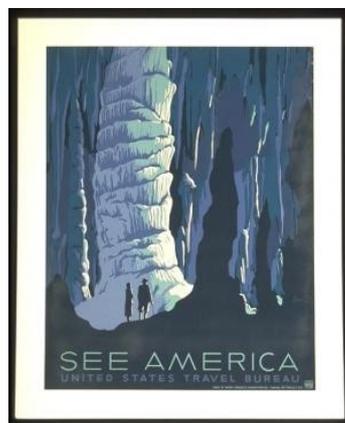


Figura 08



Figura 09



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14